

Arte viva.

(Para: Arte em Sao Paulo)

Para os Antigos o termo "arte", ("ars", "techné"), tinha significado diferente do atual, (se e que atualmente existe consenso quanto ao significado do termo). Havia, então, uma única arte suprema: "ars vivendi", (o saber como viver), e todos os artificios, artimanhas e artefatos estavam a serviço de tal arte. Por grande surpresa nossa a antiga visão do fazer artístico está re-emergindo, embora sob formas dificilmente reconhecíveis. Estamos sendo testemunhos de duas revoluções arrasadoras: a "telemática" e a "biotécnica", e ambas estão convergendo. A primeira promete que nossa vida será programável, a segunda que será programável não apenas a nossa vida, mas a vida como um todo. Em seu conjunto, as duas revoluções prometem que doravante seremos "artistas da vida". Este ensaio se propõe refletir sobre a "biotécnica", (este equivalente grego da "ars vivendi" latina), do ponto de vista estético: biotécnica enquanto arte suprema.

Não importa qual o significado que queiramos dar ao termo "arte", sempre implica elaboração de informação a ser preservada, (em pedra, em bronze, em tela, em papel, em campo eletro-magnético, em fita). Ora, a tentativa de preservar informação elaborada está fadada ao malogro. Todo material, (todo suporte de informação), será decomposto, e a informação nele guardada será esquecida. (Segundo Princípio da termodinâmica, "entropia"). Não apenas as obras individuais do passado se desintegraram, mas provavelmente culturas inteiras desapareceram sem deixar traco. Quem se empenhar em produção de valores eternos, ou quem visar imortalidade na obra, está enganado. Mas há um curioso material no planeta Terra que parece desafiar o esquecimento: a matéria viva. Trata-se de uma massa viscosa, (a "biomassa"), que engloba a Terra, e cujo peso é aproximadamente calculável. Tal massa está composta de gotas que contêm informação, gotas que tendem a se dividirem e a transmitirem a sua informação aos seus sucessores. No processo da transmissão ocorrem erros, ("mutações"), de modo que a informação fica mudada. A biomassa como um todo é pois correnteza dentro da qual informações são guardadas e variadas. Por certo: tal desafio ao esquecimento é apenas aparente. A vida na Terra não é eterna e desaparecerá, (por exemplo quando o nosso planeta se aproximar do sol mais um pouco). No entanto: a duração da "informação genética" é considerável, e deve ser medida em centenas de milhões de anos, (quando a duração das informações artísticas se mede em milhares de anos no melhor dos casos). A informação genética é praticamente eterna.

No entanto: toda admiração diante tal processo de elaboração, preservação e transmissão de informação, (toda admiração diante da "evolução da vida"), seria ingenuidade. Trata-se de processo estupidamente cego. Toda informação nova surge nele por erro, por acaso. No decorrer das centenas de milhões de anos que tal processo dura obras extremamente complexas foram realizadas, (por exemplo o sistema nervoso do octopus ou o cérebro humano), mas foram realizadas pelo método do erro. E há mais isto: as obras realizadas, (os organismos vivos), não contribuem para a elaboração de informação nova. Por exemplo: o nosso próprio corpo

nao passa de canal pelo qual fluem as gotas portadores de informacao, (o esperma e os ovulos), e nada daquilo que fazemos ou sofremos, (nada da nossa cultura, da nossa "arte"), tera a minima influencia sobre as futuras mutacoes da informacao genetica humana. Esta mudara ao acaso. Nenhuma informacao adquirida por nos pode ser geneticamente herdada. Nada mais estupidamente cabecudo que a biomassa, mais cabecuda que pedra ou bronze que pelo menos admite ser informado. Nao e material para artista.

Ora: esta afirmativa esta deixando de ser verdadeira. AS gotas que perfazem a biomassa sao microscopicas, e menor ainda a informacao nelas contida. Razao porque foram descobertas apenas recentemente. E ai foi descoberto que a informacao genetica, (moleculas de acidos nucleinicos), pode ser manipulada. Isto e descoberta fulminante. Diz ela que doravante sera possivel elaborar informacao, imprimi-la em materia viva, e destarte fazer com que tal informacao se conserve e propague "automaticamente" por duracao praticamente eterna. Diz ela que doravante dispomos de tecnica para realizarmos obras de arte vivas que se multiplicarao e darao origem a mais obras de arte vivas. Como, depois de tal descoberta, continuar a fazer obras inanimadas, (escultura, pintura, livro, particao, filme, video, holograma)? A biotecnica, a arte do vivo, a arte viva, nao acabara com todas as demais artes?

Antes de nos deixarmos agarrar pela vertigem da criatividade, (antes de nos assumirmos criadores de vida), algumas consideracoes devem ser feitas. E a primeira e tao curiosa que temos dificuldade de percebermos o seu alcance. Toda informacao genetica contida na biomassa e codificada em um unico material, (acidos nucleinicos), e tem uma unica estrutura, (dupla helice). Isto implica que todos os seres vivos, (e que sejam tao diferentes um do outro quanto o e um pinheiro de um chimpanze), nao passam de variacoes de uma unica informacao de base. E implica ainda que si existissem processos semelhantes aos processos biologicos, mas que tivessem informacao de base diferente da nossa, nao os reconheceriamos enquanto processos vitais, quer tais processos se desenvolvem nas profundezas no espaco, quer aqui mesmo na Terra. (Razao porque a busca de "outras formas de vida" sobre outros planetas nao passa de malentendido.) A nossa forma de vida e a unica, pela simples razao que si fosse outra, nao seria vida.

Ora, tal consideracao leva a outra: todas as informacoes elaboradas pela evolucao sao variacoes de um unico tema. Existem dois tipos de criatividade: a "variacional" e a "transcendente". A criatividade variacional cria informacoes novas ao variar informacoes disponiveis. A criatividade transcendente cria informacoes novas ao introduzir elementos estranhos, ("ruídos"), em informacoes disponiveis. A evolucao biologica recorre a criatividade variacional apenas, (se desconsiderarmos o problema da "origem da vida"). E a biotecnica faz outro tanto: varia informacoes geneticas disponiveis, sem interferir nem na sua substancia nem na sua estrutura. Distingue-se ela da evolucao "natural" apenas pelo fato que produz suas variacoes segundo programa, (deliberadamente), e nao por erro, (casualmente).

A visao atual de "arte", (a qual continua sendo mais ou menos romantica), espera do artista criatividade "transcendente". Por certo; o conceito "arte" perdeu ultimamente parte de sua aura precedente, o termo "arte" nao mais se opoe necessariamente ao termo "tecnica", e "artístico" nao mais se opoe necessariamente a "artesanal", ja que em ambos se reconhece "artificialidade". No entanto: a obra de arte dita "autentica" continua envolta nas brumas da "criatividade transcendental", isto e: quer-se "original", embora devamos admitir que a critica encontra dificuldades para precisar o que distingue obra "transcendental" de obra surgida de variacoes de temas. Se a obra "transcendental" introduziu "ruídos" em informacoes pre-existentes, de onde tirou ela tais "ruídos", senao de outros contextos, eles tambem pre-existentes? Seja como for: a biotecnica nao corresponde ao criterio "transcendente", e deve portanto ser considerada "arte menor", nao "intuitiva", "inspirada". Computadores podem calcular e programar as manipulacoes com informacao genetica por ela realizadas.

Se considerarmos a competencia da biotecnica, tal depreciacao da biotecnica enquanto "arte viva" parece absurda. E ela competente para criar seres vivos, tais como jamais existiram. Nao apenas quimeras do tipo "Geep", (sintese de cabra, (goat), e ovelha, (sheep), que desde ja pasta nos prados de universidade californiana). Mas igualmente seres que sintetizam caracteristicas zoologicas com botanicas, (animais que produzem clorofila). No futuro, organismos serao criados que se substituirao as maquinas inanimadas, e inteligencias artificiais "vivas", (nao mais construidas de silicio, mas de fibras nervosas). Nao resta duvida que a criatividade "variacional" da biotecnica resultara em obras mais "originais" que tudo ate aqui produzido por arte "transcendental", "inspirada". Abre ela campo ilimitado para o empenho criador do futuro.

Mas se é verdade que ate agora a biotecnica se limitou a variar informacao genetica disponivel, nao e menos verdade que podera, no futuro, interferir na substancia e na estrutura de tal informacao, e virar "transcendentalmente criativa". Basta que substitua um unico atomo em molecula de acido nucleico por outro, e tera criado forma de vida tal que jamais existiu previamente. Ora, isto abre perspectivas estonteantes. Imaginem, por um instante, o resultado de tal criacao de varias formas de vida "alternativa". Sabemos que a evolucao da informacao genetica disponivel resultou em sistemas complexos chamados "nervosos", e que tais sistemas se caracterizam por "processos mentais" como seja percepcao, sensacao, desejo, pensamento, decisao, sentimento. Por certo: os processos mentais de um octopus, de uma abelha e de um homem sao muito diferentes um do outro, mas todos eles estao contidos enquanto virtualidades em informacao genetica comum a todos. Formas de vida "alternativa" poderao resultar em sistemas nervosos, (ou de outro tipo), que se caracterizarao por processos mentais inteiramente diferentes dos conhecidos. E isto nao levava necessariamente centenas de milhoes de anos para realizar-se, (como no caso da evolucao "natural"), porque o metodo nao mais sera o do acaso cego, mas o da programacao deliberada. Tais novos processos mentais poderao realizar-se em futuro previsivel.

Dada esta consideração estonteante, fica claro que não é possível abandonar-se a biotecnica aos técnicos, e que é preciso que artistas participem da aventura. O desafio é obvio: dispomos atualmente de técnica, (arte), capaz não apenas a criar seres vivos novos, mas igualmente formas de vida com processos mentais, ("espírito"), novos. Dispomos atualmente de técnica, (arte), apta a criar algo até agora inimaginado, por inimaginável: um espírito vivo novo. Espírito este que o próprio criador será incapaz para compreender, já que fundado sobre informação genética que não é a sua. Isto é tarefa, não para biotecnistas abandonados a sua própria disciplina, mas para artistas em colaboração com os laboratórios atualmente estabelecidos. A rigor, as escolas de arte deveriam mudar para tais laboratórios, e tais laboratórios deveriam fazer parte das escolas de arte.

Vejam o que está acontecendo: a crítica de arte romântica, (e não apenas a romântica), afirma que "arte" é um fazer que sopra vida em espírito novo, e que tal novo espírito ultrapassa o próprio artista. Tal afirmação é metafórica, mas agora passa a ser literalmente verdadeira. A biotecnica e arte que traduz as metáforas precedentes em fatos. A biotecnica é "arte" no significado literal do termo. Diante disto, todas as formas prévias de arte empalidecem, e passam a serem estágios preparatórios para a verdadeira criatividade.

Quando contemplamos as duas revoluções, a telemática e a biotecnica, temos a tendência de considerá-las industrialmente: teremos inteligências artificiais ligadas entre si globalmente, e que programarão organismos artificiais a trabalharem. Mas isto não é o ponto de vista adequado. As duas revoluções, cada qual por si, e mais ainda conjugadas, abrem perspectivas inacreditavelmente amplas para criatividade nova. Abrem o campo para a emergência de uma arte no significado literal do termo: criadora de espírito novo. Abrem o campo para a emergência de uma "ars vivendi", tal que os Antigos sonhavam apenas em mitos. Este ensaio pretende despertar a consciência disto.